

ASSOMBRAÇÕES DE AGOSTO, UMA ANÁLISE DO FANTÁSTICO EM GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Camila Machado Burgardt
Universidade Federal da Paraíba-UFPA
Josy Kelly C. R. dos Santos
Universidade Federal da Paraíba-UFPA

Um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesse.
Julio Cortázar, 1974.

O fantástico em sala de aula

O ensino da literatura em sala de aula vem sendo amplamente debatido nos últimos anos. O lugar da literatura, bem como o uso dela enquanto matéria na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis (COSSON, 2009). Segundo Todorov (2009), porque não existe consenso, nem mesmo entre os estudiosos da literatura, sobre o que deve constituir o cerne da disciplina e sobre o que deve ser ensinado em sala de aula. Observamos nas aulas que a literatura é relegada a simples periodização das escolas literárias presentes tanto nos livros didáticos quanto nos de história da literatura.

Já as instâncias que deveriam regular o ensino da literatura em sala de aula, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCN's, 1999), levantam uma série de questões a respeito do ensino dos textos literários, seu tratamento e metodologia, mas não oferecem respostas práticas as dúvidas e apreensões dos professores e pouco tem a proporcioná-los, principalmente àqueles que estão há algum tempo longe das salas de aula ou dos cursos de reciclagem. (BARBOSA, 2004)

Atualmente, observamos a sacralização do texto literário e o uso de determinados textos em sala de aula – os canônicos, segundo a perspectiva da história literária, em que aprendemos como ele deve ser lido (BARBOSA, 2005). De acordo com Cosson (2009, p. 21) “no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia”, sendo a crônica um dos gêneros favoritos. Ainda em consonância com Cosson (2009), “no ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira”, ou seja, não há espaço para o texto literário. A literatura na escola se resume a interpretação de textos canônicos e análises de categorias narrativas.

De modo que escolhemos o gênero fantástico porque seu espaço na sala de aula é nulo ou muito pequeno e também porque estabelece um modo diferente de narrar, ancorado em elementos sobrenaturais como um modo de chamar a atenção dos alunos e de ativar a imaginação a partir de outros artifícios, como veremos mais adiante.

O gênero fantástico: a presença do inexplicável

Tratando-se de uma teoria contemporânea, que rompe com o casual/social, a teoria da literatura fantástica trabalha com dois mundos: o real e o sobrenatural/inexplicável, este último encontra-se presente também nos contos de fadas. Embora seja pouco estudada, a literatura fantástica ganhou grande importância nas últimas décadas do século XX, a partir da literatura contemporânea, sobretudo com a sistematização feita por Todorov (1981) em *Introdução a literatura fantástica*. De acordo com Rodrigues (1988), a maioria dos estudiosos do tema pondera a respeito da data de surgimento do gênero fantástico, que supostamente esteja entre os séculos XVIII e XIX, tendo amadurecido posteriormente, no século XX.

Embora o fantástico se fundamente nos acontecimentos sobrenaturais, é o real que desencadeia toda a narrativa, utilizando-se muitas vezes de motes do tipo incesto, amor a três, homossexualidade, necrofilia entre outros, para tornar a obra mais verossímil, assim:

[...] uma definição do gênero: o fantástico se apoia essencialmente em uma vacilação do leitor – de um leitor que se identifica com o personagem principal – referida a natureza de um acontecimento estranho. Esta vacilação pode resolver já seja admitindo que o acontecimento pertence à realidade, já seja decidindo que este é produto da imaginação ou o resultado de uma ilusão; em outras palavras, pode-se decidir que o acontecimento é ou não é. (TODOROV, 1981, P. 82)

Contudo, não podemos nos apegar apenas a esta definição do gênero fantástico, pois é preciso ter um olhar atento quanto a sua conceituação, caso contrário, o leitor corre o risco de cair nas armadilhas que este gênero esconde e, por sua vez, acabará se rendendo ao fruto de sua imaginação e não ao resultado ficcional/verossímil do texto. Moisés (2004) faz um apanhado do conceito do gênero fantástico a partir de autores conhecidos, como Louis Vax, Roger Caillois e o próprio Todorov e chega à conclusão de que essas definições são permeadas de incongruências, conceitos criativos, mas crivados de dúvidas, geradores de perplexidades e discordâncias.

Encontrar-se no campo do fantástico é ter a certeza de se deparar com um conto rico no que diz respeito ao uso da linguagem. Este gênero, por transitar pela verossimilhança, encontra-se ora no mundo real, ora no mundo ficcional, utilizando-se da linguagem como instrumento para dar vida ou trazer para a realidade situações ou fatos que só é possível ao fantástico.

Dentre os autores que trabalham com a literatura fantástica, abordaremos neste trabalho o escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), que além de se destacar pela sua obra *Cem anos de solidão*, o qual foi marco e exemplo único de estilo fantástico, também está tendo sua obra revisitada devido ao seu recente falecimento. Alguns de seus contos como *Me alugo para sonhar*, *A luz é como água*, entre outros, também abordam o gênero fantástico e é a constante presença de elementos sobrenaturais em suas obras que o torna tão conhecido e influente no realismo fantástico.

Em meio à variedade de contos do escritor, optamos por trabalhar o fantástico-maravilhoso no conto *Assombrações de agosto*¹. Conforme ressalta Todorov (1981, p. 89) “[...] o maravilhoso implica estar imerso em um mundo cujas leis são totalmente diferentes das nossas; por tal motivo, os acontecimentos sobrenaturais que se produzem não são absolutamente inquietantes”. Logo, para o autor, o fantástico-maravilhoso encontra-se:

[...] dentro da classe de relatos que se apresentam como fantásticos e que terminam com a aceitação do sobrenatural. Estes relatos são os que mais se aproximam do fantástico puro, pois este, pelo fato mesmo de ficar inexplicado, não racionalizado, sugere-nos, em efeito, a existência do sobrenatural. O limite entre ambos será, pois, incerto, entretanto, a presença ou ausência de certos detalhes permitirá sempre tomar uma decisão. (TODOROV, 1981, p. 29)

Optamos por trabalhar com o gênero fantástico, primeiramente, pela escassez de trabalho acadêmico acerca desta temática relacionada ao conto e, em segundo lugar, pelo conto abordado apresentar todos os subsídios necessários para nossa análise, bem como pertencer a um nome importante não só para a literatura, mas especialmente para o gênero fantástico e, por último, pela pertinência da categoria da verossimilhança no conto. Assim, buscamos observar o real, o ficcional e a verossimilhança no conto, a partir do destrinchar da narrativa e pensar como a ambiguidade é fator fundamental para a construção do fantástico.

Também buscamos em nossa análise a dualidade contida no conto que ora expõe o material ficcional sem a interferência do fantástico, ora expõe elementos puramente

¹ Conto disponível online <<http://www.dihitt.com/barra/assombracoes-de-agosto-gabriel-garcia-marquez>>. Acessado dia 26/03/2014.

fantásticos. Este jogo de alternância não-fantástico/fantástico também é pertinente nas seguintes questões: o fantástico está associado diretamente ao medo, ao horror? E, no conto trabalhado, até que ponto o suspense contribui para a narrativa? É possível associar o fantástico ao verossímil?

Tratando-se de um gênero que a todo o momento oscila entre realidade ou sonho, verdade ou ilusão, o fantástico apresenta sempre uma ambiguidade, caso contrário, não seria fantástico, ou seja, o fantástico está presente nas lacunas desta ambiguidade, causando, desta forma, dúvida, curiosidade e incerteza no leitor.

Nesta perspectiva, trabalhar com a literatura fantástica significa contribuir para a literatura contemporânea, mais do que isso, é abordar o caráter mágico pertencente a este gênero, é sair do real para o imaginário a partir de um texto literário onde o leitor trabalha com a relação tênue e delicada entre racional e irracional em que, por vezes, a explicação não racional é melhor ou tão plausível e compreensível quanto à explicação racional. A inserção do gênero fantástico nas aulas de literatura auxiliaria o professor na tarefa de capacitar o aluno, enquanto indivíduo social, a ver além do que ele já conhece e domina em gêneros como a crônica, o conto, etc.

Um conto assombrado: *Assombrações de agosto*

O conto *Assombrações de Agosto* escrito em 1980 e publicado na coleção de contos intitulada *Doze contos peregrinos*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, é um excelente conto para aplicar a teoria da literatura fantástica. A história narra a visita de um personagem anônimo ao castelo do personagem Miguel Otero Silva, localizado na cidade de Arezzo, região da Toscana, buscando apenas um almoço entre amigos.

Em linhas gerais, a história narra a viagem de uma família – marido, esposa e filhos não nomeados –, para o castelo renascentista de um amigo escritor. A princípio eles encontram dificuldades em chegar ao destino, mas ao chegarem são muito bem recebidos com um belo e farto almoço oferecido pelo anfitrião e amigo Miguel Otero Silva. Até então o castelo não parecia em nada pavoroso, pelo contrário, mostrava-se agradável. O dono do castelo passa a contar a história da residência, o tempo passou rapidamente e a família acabou permanecendo hóspede do castelo naquela noite, a partir desse ponto começa o descompasso entre o real e o inverossímil.

Partindo dos elementos da narrativa conto, como Gotlib (1990) estabeleceu, ou seja, ficção sem compromisso com evento real, invenção; no conto maravilhoso, “as personagens,

lugares e tempos são indeterminados historicamente: não têm precisão histórica” (GOTLIB, 1990, p. 18). No conto de Gabriel García Márquez, o fator tempo e lugar estão nitidamente apresentados ao leitor, contendo um tempo linear, sem *flash back* e a história se passa numa cidade específica - Arezzo.

Contudo, os personagens que se apresentam para o leitor como principais não são nomeados, o que opera uma descentralização da identidade desses personagens e, ao mesmo tempo, é como se a história pudesse acontecer com qualquer pessoa. O único personagem chamado pelo nome é o escritor dono do castelo – Miguel Otero Silva – os demais personagens são mencionados a partir de características, como a velha pastora de gansos. Nota-se que os personagens, o espaço, assim como as descrições feitas pelo narrador personagem constituem a verossimilhança, pois o texto se reporta à vida concreta ao apresentar fatos cotidianos, da vida comum, mantendo a noção de realidade.

Neste momento, acreditamos ser necessário compreender um pouco sobre o que seria verossímil (real) e o inverossímil (ficção). Não pretendemos adentrar neste mote, apenas explicar de forma sucinta, a fim de que o leitor se situe diante da obra analisada. Em consonância com Moisés (2004, p. 378), o verossímil (real) é “entendido como a soma dos objetos e seres que compõem o mundo concreto e social.”, mas verossímil na ficção também pode ser entendida como uma relação intradiscursiva, dentro do próprio discurso, precisando ter uma consistência lógica interna. Ao mesmo tempo, o conto maravilhoso:

“Numa palavra, ‘é tudo que desencadeia a admiração pela surpresa’ [...] Via de regra, a ideia de maravilhoso associa-se ao mundo sobrenatural, entendido esse como o universo dos deuses, da magia, dos bruxedos, dos encantamentos, manifestações parapsicológicas etc” (MOISÉS, 2004, p. 274)

Complementando, o conto aqui em questão, pertence à linha do maravilhoso fantástico que decorre “[...] da superstição e da imaginação difluente, que se afasta da realidade ou a distorce” (MOISÉS, 2004, p. 274). Observa-se que a terminologia ainda oscilante é inerente ao assunto, mas sempre se relaciona com o desconhecido, com o espanto, com a ambiguidade, com a hesitação. Para que o fantástico aconteça, é necessário inserir fatos sobrenaturais à narrativa, misturando elementos reais e irrealis.

Retomando, no decorrer da história, o narrador continua brincando com o leitor, oscilando e explorando os fatos verossímeis com o desconhecido. Outro trecho que exemplifica este episódio é quando a família já está na casa do escritor venezuelano Miguel, e o narrador personagem faz uns comentários a respeito de famosos que ali nasceram. Vejamos:

“Era difícil acreditar que naquela colina de casas empoleiradas, onde mal cabiam noventa mil pessoas, houvessem nascido tantos homens de gênio perdurável”. Neste fragmento, o narrador personagem está se referindo aos homens célebres que ali nasceram, como Dante Alighieri (1265-1321), Francesco Petrarca (1304-1374) e Giovanni Boccaccio (1313-1375) expoentes renascentistas. Mas, logo em seguida, Miguel lança um comentário curioso, observemos: “O maior – sentenciou – foi Ludovico”. Ludovico, no conto analisado, é um espectro, um fantasma que posteriormente será o responsável pelo fantástico no conto.

Ao fazer essas considerações o narrador também visa conferir maior credibilidade a história, adicionando eventos reais ao conto – o encaixe, um dos recursos da narrativa, que tem por função atribuir teor de verdade a ficção e, como veremos, é um dos recursos mais utilizados pelo narrador. O próprio mês escolhido – agosto - também está repleto de significados, reconhecido por sua má fama, popularmente conhecido como o mês do desgosto, ligado a vários eventos históricos desastrosos que ocorreram nesse mês, como o Massacre de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572), o início da primeira (1º de agosto de 1914) e segunda guerras mundiais (agosto de 1939), entre outros eventos.

No primeiro parágrafo do conto temos uma apresentação do espaço, e de um dos personagens: “Chegamos a Arezzo pouco antes do meio-dia, e perdemos mais de duas horas buscando o castelo que o escritor venezuelano Miguel Otero Silva havia comprado...”. O personagem mencionado no primeiro parágrafo do conto é um conhecido escritor que realmente existiu, o venezuelano foi escritor, humorista, jornalista entre outros e viveu de 1908 a 1985. Partindo deste personagem, o conto já nos apresenta a primeira característica do fantástico, que segundo Todorov (1981, p. 19) “[...] é necessário que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados”, assim a vacilação do leitor é uma das principais condições da literatura fantástica. Além do escritor venezuelano, o narrador personagem enfatiza outros fatos verossímeis, como as paisagens típicas da cidade de Arezzo – comuna italiana da região da Toscana – conhecida pelo cenário campestre.

Todavia, a primeira hesitação do autor com relação ao conto, aparece no diálogo do narrador personagem com a pastora de gansos, como podemos observar:

Após muitas tentativas inúteis voltamos ao automóvel, abandonamos a cidade por uma trilha de ciprestes sem indicações viárias, e uma velha pastora de gansos indicou-nos com precisão onde estava o castelo. Antes de

se despedir, perguntou-nos se pensávamos dormir por lá, e respondemos, pois era o que tínhamos planejado, que só íamos almoçar.
- Ainda bem - disse ela -, porque a casa é assombrada. Minha esposa e eu, que não acreditamos em aparições de meio-dia, debochamos de sua credulidade. Mas nossos dois filhos, de nove e sete anos, ficaram alvoroçados com a ideia de conhecer um fantasma em pessoa.

A dualidade verossimilhança/ficção é ressaltada com a reação dos filhos da família, uma vez que não existe ‘fantasma em pessoa’. De modo que a magia ou o sobrenatural aparece já em conflito com a lógica e a racionalidade.

Embora o conto se passe na cidade de Arezzo, devemos delimitar este espaço ao castelo de Miguel Otero Silva, pois é nele que ocorrem as principais ações do conto. Observando de forma atenta, o narrador entra em conflito ao descrever o castelo, apresentando-o primeiramente como um lugar que “não tinha nada de pavoroso”, mas em um segundo momento, o narrador-personagem já apresenta outra visão, “o castelo na realidade era imenso e sombrio”. Veja que o narrador tenta confundir o leitor através das suas descrições, apresentando primeiro um castelo com características típicas de uma casa moderna, mas logo em seguida, acaba se rendendo as fantasias relacionadas ao castelo.

Na narrativa, o narrador personagem em seu discurso, começa a entrar em contradição consigo mesmo e com a caracterização do espaço, ora apresenta o castelo como tenebroso, ora enfatizando os gritos felizes das crianças no castelo, mantendo o suspense ao leitor e gerando um questionamento: será que o castelo é assombrado? Segundo Todorov (1981, p. 50), “[...] o fantástico serve a narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite uma organização particularmente rodeada da intriga”.

Uma das características do fantástico implica “[...] não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e no herói, mas também [de] uma maneira de ler [...]” (TODOROV, 1981, p. 19). Ainda relatando o castelo, o narrador personagem ao adentrar nas acomodações da casa, narra com mais detalhes os quartos do castelo. Observemos:

Miguel havia restaurado por completo o primeiro andar e tinha construído para si um dormitório moderno com piso de mármore e instalações para sauna e cultura física e o terraço de flores imensas onde havíamos almoçado. O segundo andar, que tinha sido o mais usado no curso dos séculos, era uma sucessão de quartos sem nenhuma personalidade, com móveis de diferentes épocas abandonados à própria sorte. Mas no último andar era conservado um quarto intacto por onde o tempo tinha esquecido de passar.

Nota-se que a todo momento o narrador-personagem faz uso de fatos verossímeis e da ficção para causar, de certa forma, medo no leitor. Ainda segundo Todorov (1981, p. 27), “o estranho não cumpre mais que uma das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular, a do medo. Relaciona-se unicamente com os sentimentos das pessoas e não com um acontecimento material que desafia a razão [...]”.

Nessas condições, o autor vem romper com o equilíbrio presente até então no conto. Sendo assim, quando o narrador personagem descreve o quarto do espectro, ressaltando bem “o perfume de morangos recentes que permanecia estancado sem explicação possível no ambiente do dormitório”, ele está simplesmente causando suspense no leitor. É importante salientar, que segundo Todorov (1981, p. 50) “o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor – medo, horror ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem suscitar”.

Além do personagem escritor Miguel Otero Silva, o autor também menciona a figura do pintor italiano Pierro Della Francesca (1415 - 1492), no intuito de tornar mais verossímil a sua obra. Ademais, o desenrolar do conto nos leva para o estranho e o maravilhoso, conforme Todorov (1981, p. 24) “O maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, ainda não visto, opor vir: por consequência, a um futuro. No estranho, em troca, o inexplicável é reduzido a feitos conhecidos, a uma experiência prévia, e, desta sorte, ao passado.”. Finalmente, no último parágrafo do conto, o narrador personagem faz uma descrição perfeita do universo fantástico, ocorrendo assim o maravilhoso, o transfigurar da realidade, conforme observa-se no longo trecho que segue:

Ao contrário do que eu temia, dormimos muito bem, minha esposa e eu num dormitório do andar térreo e meus filhos no quarto contíguo. Ambos haviam sido modernizados e não tinham nada de tenebrosos. Enquanto tentava conseguir sono contei os doze toques insones do relógio de pêndulo da sala e recordei a advertência pavorosa da pastora de gansos. Mas estávamos tão cansados que dormimos logo, num sono denso e contínuo, e despertei depois das sete com um sol esplêndido entre as trepadeiras da janela. Ao meu lado, minha esposa navegava no mar aprazível dos inocentes. ‘Que bobagem’, disse a mim mesmo, ‘alguém continuar acreditando em fantasmas nestes tempos.’, Só então estremei com o perfume de morangos recém-cortados, e vi a lareira com as cinzas frias e a última lenha convertida em pedra, e o retrato do cavalheiro triste que nos olhava há três séculos por trás na moldura de ouro. Pois não estávamos na alcova do térreo onde havíamos deitado na noite anterior, e sim no dormitório de Ludovico, debaixo do dossel e das cortinas empoeirentas e dos lençóis empapados de sangue ainda quente de sua cama maldita.

De acordo com Todorov (1981, p. 45), “o fantástico nos põe ante um dilema: acreditar ou não acreditar? O maravilhoso leva a cabo esta união impossível, propondo ao leitor acreditar sem acreditar verdadeiramente”. Levando este pensamento para o conto, temos a seguinte questão: acreditar ou não acreditar que o casal que dormia na alcova do térreo, acordou de maneira inexplicável no dormitório do fantasma Ludovico?

A figura de linguagem que traz estremeção e a primeira impressão do inesperado ao personagem principal – a sinestesia, designa “[...] a transferência de percepção de um sentido para outro, isto é, a fusão, num só ato perceptivo, de dois sentidos ou mais” (MOISÉS, 2004, p. 429). O personagem já ficara impressionado com “o perfume de morangos recentes que permanecia estancado sem explicação possível no ambiente do dormitório”, quando fora conhecer o quarto que era do falecido Ludovico e, ao acordar, o primeiro estranhamento é com “o perfume de morangos recém-cortados” que o remete imediatamente ao principal quarto do castelo, cuja principal característica é ser assombrado.

Concluindo, inferimos que no conto *Assombrações de Agosto*, o medo se manifesta através do fantástico-maravilhoso; e que o suspense da narrativa é de fundamental importância para que o leitor atinja o fantástico, além do mais, a verossimilhança e o sobrenatural são uns dos fatores preponderantes e recorrentes na literatura fantástica.

Considerações finais

Os contos fantásticos, ainda pouco estudado em sala de aula, deveriam ser tomados significativamente como mais uma ferramenta para despertar o gosto pela leitura nos estudantes, uma vez que, como vimos anteriormente, o gênero chama a atenção ao explorar a diferença entre o real e o fantástico, por deixar o leitor em suspense, marcada por uma sensação de insegurança, perplexidade e estranhamento, dúvida, curiosidade. A hesitação, segundo Todorov (1981), uma das marcas do gênero pode derivar da falta de sentido dos acontecimentos obscuros e inesperados narrados e, no conto em questão, de figuras sobrenaturais inexplicáveis, que geram um clima de ambiguidade entre o racional e o irracional, o inexplicável.

A exploração de pequenas narrativas em sala de aula, como o conto, também possibilita a ampliação do leque de textos literários conhecidos pelos alunos como leitores e, ao mesmo tempo, ao se familiarizarem com o gênero passam a ter conhecimento das regularidades que o caracteriza enquanto uma narrativa curta. *Assombrações de agosto* constitui um conto fantástico porque acontece algo inesperado, inexplicável no âmbito do

real, ou seja, um casal dorme em um aposento e acorda em outro numa situação inesperada, baseada em uma história fantasmagórica.

O ensino da leitura e o conhecimento dos gêneros literários, de uma forma geral, devem favorecer a competência leitora e comunicativa dos alunos. De acordo com os PCN's (1999), os gêneros literários precisam ser incessantemente priorizados em sala de aula, de modo que os alunos possam apropriar-se dos mais diversos gêneros em circulação, bem como compreenderem as condições de produção desses textos. Com esta breve análise, espera-se contribuir com a prática pedagógica do ensino da leitura e da literatura e seus diversos gêneros em sala de aula. Ademais, almejamos uma reflexão, por parte dos professores e das instituições, a cerca do desafio de se trabalhar com o diferente – neste caso a literatura fantástica – em sala de aula, principalmente na disciplina de Literatura.

Referências

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. PCNs e literatura: novas roupagens para velhos problemas. In: *Parâmetros curriculares em questão: o ensino médio*. (Orgs.) Maria Ester Vieira de Souza e Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2004.

_____. Travessia do gênero ficção em *Perdas & ganhos* de Lya Luft. In: *Letra Viva* (UFPB), João Pessoa, v. 6, n.1, p.155-200, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1971.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2001.

MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PCN: Ensino Médio. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999. V1 e V2.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2^a ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1981.